

TURISMO EM MOSQUEIRO/PA: UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE A ILHA

Amadeus Thiago Corrêa do Amaral¹
Diana Priscila Sá Alberto²

RESUMO

A cidade de Belém possui 42 ilhas, tendo a ilha de Mosqueiro com uma grande importância para a história da capital do Pará e da Amazônia. A origem do seu nome não é precisa por inúmeras versões desde imaginário popular. Há relatos que sua denominação tem origem em um infame pirata espanhol Ruy Garcia de Moschera. Historicamente, o nome mais aceito está na origem indígena derivado da palavra “moqueio” que se transformaria, posteriormente, em Mosqueiro. Ao longo do tempo esse espaço vai ganhando novos nomes extraoficiais como “ilha do amor”, “a bucólica”, “moscow” (BRANDÃO, 2014). As águas da bacia hidrográfica da Amazônia vêm encantando pessoas ao longo dos séculos, como exploradores, naturalistas, viajantes e turistas, principalmente, pela abundância da água doce que chama a atenção. É a maior bacia hidrográfica do mundo e possui o maior rio do planeta. As águas que cercam a ilha são caudalosas, banhadas por duas Baías: a do Sol e do Santo Antônio. A população tem o costume de chamar o banho nessa região de “tomar banho de mar”; pode ser entendido como um “mar doce”. Esse território é uma Área de Proteção Ambiental – APA, e segundo Brandão (2014) chegou a pertencer a Freguesia de Benfica, posteriormente, ganhou status de vila de Belém. Encontra-se a 70 km do centro da cidade, com uma área de 191 km² e conta com cerca de 17 km de praia de água doce. No ciclo áureo da borracha, a ilha começa a atrair estrangeiros e famílias ricas que residiam na cidade de Belém; esses estrangeiros começam a construir os casarões na região costeira da ilha (SARGES, 2010). Os barões da borracha seguiram o mesmo caminho sempre tentando se espelhar nos hábitos europeus onde a cultura do velho continente era imensamente valorizada por essa elite; mesmo que o olhar eurocêntrico prevalecesse, essas construções permanecem até os dias de hoje na orla do Porto Arthur, Chapéu Virado e Farol; pode-se destacar esse período como um divisor de águas para a rotina da ilha (BRANDÃO, 2014). Publicações de jornais relatam a prática de banhos no estuário, sendo que a cidade possui ilhas mais próximas do centro da cidade de Belém/PA, como as ilhas de Outeiro e Cotijuba que também possuem praias. A partir desse contexto, pode-se compreender como sendo o início da prática do turismo de sol e praia na ilha, por ser a atividade muito presente em Mosqueiro. Esse resumo tem como objetivo compreender esse deslocamento da elite belenense para a ilha de Mosqueiro, por meio de um recorte histórico, apresentando a prática de banhos de igarapés e rios como possível “começo” do turismo na ilha. Esta pesquisa é justificada a partir da análise do desenvolvido na região e como a história, por meio de fontes, possibilita ampliar as reflexões do fenômeno turístico, como seus debates podem gerar dados para futuras pesquisas. A metodologia utilizada para esse resumo foi a pesquisa documental sobre a história de mosqueiro, com base em fontes históricas de jornais (PINSKY, 2008). Além de leituras sobre turismo e seus conceitos teóricos enquanto fenômeno social (PANOSSO NETTO, 2005). Dentre os resultados encontrados, foi possível destacar que a história de Mosqueiro ainda necessita mais debates históricos; o estudo da história do turismo na região da capital, Belém pode trazer fontes para clarificar essa questão histórica; e, a ilha de Mosqueiro pode ser apontada como primeiro espaço do turismo de sol e praia na capital paraense.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo; Banho de praia; História.

¹ Discente da Faculdade de Turismo da UFPA. <http://lattes.cnpq.br/2109892202030725>. E-mail. amadeus.amaral@icsa.ufpa.br

² Docente da Faculdade de Turismo da Universidade Federal do Pará. <http://lattes.cnpq.br/1897157050303539>. dianaalberto@ufpa.br

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Eduardo. **Mosqueiro**: a história de um arquipélago singular no estuário Amazônico. v. I e I. Mosqueiro Sustentável. Belém, 2014.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **Filosofia do turismo**: teoria e epistemologia. São Paulo: Aleph, 2005.

PINSKY, Carla B. (Org.). **Fontes históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém**: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912). 3 ed. Belém: PakaTatu, 2010.

